

Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero

Márcia Gilmar Marian Vieira¹, Fabíola Hermes Chesani², Letícia de Campos³, Geórgia Rosa Costa⁴

Resumo

Este texto relata a experiência vivenciada no projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero”, vinculado à Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), cujo propósito foi promover a educação continuada nessas temáticas e a troca dos saberes agroecológicos com as mulheres agricultoras de Itajaí, Santa Catarina. O percurso metodológico adotado abarcou as oficinas inspiradas no Círculo de Cultura de Paulo Freire, vivenciando os saberes agroecológicos e as oficinas para a formação, que totalizaram 80 horas/aula com os integrantes do projeto de extensão e 40 horas/aula de inserção com o público-alvo: as mulheres agricultoras. Os temas geradores que emergiram no processo de formação continuada foram: a vivência do Círculo de Cultura, os conhecimentos agroecológicos, os malefícios do uso dos agrotóxicos, a autonomia das mulheres agricultoras no aprendizado da produção de alimentos orgânicos, e o cuidado com a saúde familiar e ambiental. Por fim, o Círculo de Cultura atua como uma ferramenta que contribui para a educação continuada de integrantes do grupo de extensão e das mulheres agricultoras, promovendo gradativamente a transformação para o processo de transição agroecológica.

Palavras-chave

Educação Continuada. Trabalhadores Rurais. Gênero e Saúde. Agricultura Sustentável. Meio Ambiente.

1. Doutora em Química Orgânica pela Universidade Federal de Santa Catarina; professora da Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina; coordenadora do projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero”. E-mail: mmarian@univali.br.

2. Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina; professora da Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina. E-mail: fabiola.chesani@univali.br.

3. Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina; bolsista do projeto de extensão “Educação para transformação: meio ambiente, saúde e gênero”. E-mail: leticia_cmp@hotmail.com.

4. Graduanda em Enfermagem na Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina; bolsista do projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero”. E-mail: georgiacosta4@gmail.com.

Transforming education: environmental issues, health and gender

Márcia Gilmara Marian Vieira*, Fabíola Hermes Chesani**, Letícia de Campos***, Geórgia Rosa Costa****

Abstract

The objective of this article is to report on the process of continuing education of participants in the extension project named "Transforming Education: environment issues, health and gender" at Vale do Itajaí University, with a view to promoting continuing education regarding those themes and the exchange of agroecological knowledge with the female farmers of Itajaí, Santa Catarina, Brazil. The methodological approach was based on Paulo Freire's Culture Circles by experiencing the agroecological knowledge and workshops, which consisted of 80 hours/class for the extension project members and 40 hours/class for female farmers. The generative themes that emerged in the process of continuing education were: Culture Circles experiences, agroecological knowledge, the harmful effects of the use of pesticides, empowerment and autonomy of female farmers to produce organic foods and to handle family's health and environmental issues. Lastly, the Culture Circles are seen as a tool which contributes to the continuing education of extension group members and of female farmers by helping the agroecological transition process.

Keywords

Continuing Education. Rural Workers. Gender and Health. Sustainable Agriculture. Environment.

* PhD in Scientific and Technological Education, Federal University of Santa Catarina, Santa Catarina, Brazil; professor, University of Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brazil. E-mail: fabiola.chesani@univali.br.

** Undergraduate student in Biological Sciences, University of Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brazil; scholarship projeto de extensão "Educação para transformação: meio ambiente, saúde e gênero". E-mail: leticia_cmp@hotmail.com.

*** Undergraduate student in Nursing, University of Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brazil; scholarship in projeto de extensão "Educação para transformação: meio ambiente, saúde e gênero". E-mail: georgiacosta4@gmail.com.

Introdução

Este texto relata a experiência vivenciada no projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero”, vinculado à Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Essa universidade articula-se pelo tripé ensino, pesquisa e extensão e, nesta área, desenvolve vários projetos em consonância com o contexto social, político e econômico. Segundo Santos (2012, p. 155), a extensão

configura-se em uma das formas de atuação mais necessárias, pois a universidade é uma realidade social e política, uma instituição educacional que expressa a sociedade da qual faz parte.

Ao longo dos anos, o modelo de agricultura convencional tem se mostrado insustentável, sobretudo do ponto de vista ambiental. O que predomina nesse modelo é a maximização do lucro e da produção, a desconsideração pelos aspectos sociais das famílias, que são obrigadas a abandonar suas terras, e pela capacidade dos agroecossistemas naturais (GUEDES; MARTINS, 2011).

O modelo de agricultura adotado pelo país após a Revolução Verde, em 1960, ocasionou o aumento na produtividade agrícola e econômica sem se preocupar com as consequências que a adoção de tal modelo pudesse acarretar do ponto de vista sustentável. Atualmente, podem-se observar dois modelos de produção distintos, um que abrange a modernização da agricultura, o agronegócio, e outro, em que existe uma agricultura sustentável conhecida como agroecologia (GUIMARÃES; MESQUITA, 2010).

Segundo Gliessman (2001), a agroecologia é uma ciência que deve ser ambientalmente sustentável e economicamente produtiva e utilizar tecnologias ecologicamente viáveis, incorporando-as a um novo padrão produtivo que garanta produção satisfatória sem colocar em risco todo o

meio ambiente e a própria saúde humana.

De acordo com Ehlers (1999), a modernização da agricultura no Brasil aumentou a produtividade das culturas direcionadas ao mercado externo, mas, por outro lado, provocou danos ambientais, como: contaminação de alimentos e meio ambiente; impacto negativo sobre a saúde dos agricultores e dos consumidores; contaminação de recursos naturais; uso crescente de agrotóxicos; perda de sementes crioulas; diminuição da biodiversidade; perda de boas práticas da cultura e de saberes tradicionais; e aumento do êxodo e da pobreza rural.

Para reverter o modelo de agricultura convencional, produtivista e de injustiças socioambientais adotado após a Revolução Verde, a agricultura sustentável ou agroecologia apresenta-se como uma forma de resgatar os saberes populares e tem como propósito trabalhar e alimentar sistemas agrícolas complexos, além de estabelecer interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos para que propiciem a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das plantas (DAROLT, 2002).

As práticas agroecológicas contribuem para a permanência das famílias no campo e propiciam o manejo sustentável dos solos, a conservação dos recursos naturais, a valorização dos saberes locais e a independência dos pequenos agricultores, que comercializam seus produtos sem a presença de atravessador. Assim, a agroecologia contribui também para valorizar a atuação dos diversos atores, principalmente a integração das mulheres agricultoras envolvidas no processo de construção do saber (GUEDES; MARTINS, 2011).

As mulheres agricultoras vêm assumindo o desafio de começar algo novo, confrontando a produção convencional, pondo em prática seus conhecimentos empíricos e adquiridos por meio das gerações. De fato, focalizam a

sua atuação na produção de alimentos, no cultivo de pequenos animais, na preservação e aclimação de espécies (bancos de sementes ou de conservação) e na transmissão de conhecimentos. Muitas dessas atividades não são valorizadas socialmente, sendo consideradas apenas complementares aos cultivos comerciais, essas vistas como atividades principais e sob responsabilidade dos homens (KARAM, 2004).

Compreendendo a necessidade de contribuir no fortalecimento de uma agricultura ecológica e sustentável, de buscar novos métodos e ideologias, trabalhar nestas áreas tornou-se essencial para difundir os conhecimentos da agroecologia. Diante desse contexto, o projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero” tem como objetivo promover a educação continuada em saúde, meio ambiente, e relações de gênero para o desenvolvimento social, econômico e ambiental das mulheres agricultoras do município de Itajaí, SC, estimulando a participação cidadã como estratégia de mudança e autonomia. A metodologia empregada é pautada em ações educativas de acordo com as propostas pedagógicas de educação na perspectiva de Paulo Freire.

Conforme Freire (apud BRANDÃO, 1999), o Círculo de Cultura é uma experiência em que todos têm a palavra, todos leem e escrevem o mundo. É um espaço de trabalho, pesquisa, exposição de práticas, dinâmicas e vivências que possibilitam a elaboração coletiva do conhecimento. Assim, educar não é transferir conhecimento, ao contrário, a educação acontece por meio de uma prática dialógica em comunhão e, nesse sentido, não há saberes superiores ou inferiores (GOMEZ, 2013).

Mais que o aprendizado individual, o Círculo de Cultura promove a leitura do mundo, se aprendem e se ensinam maneiras próprias, novas, solidárias, coletivas, populares, de pensar e agir diante do mundo e todos juntos aprenderão que o trabalho coletivo é outra

maneira de fazer cultura. Essa é a chave do pensamento freireano, o trabalho coletivo que os faz seres de histórias e ideias (FREIRE, 1983).

Inicialmente, com o objetivo de aperfeiçoar e integrar a equipe do projeto de extensão composta por professores e estudantes de diferentes áreas, formações continuadas foram iniciadas, sendo realizadas em encontros quinzenais, aprofundando os conhecimentos por meio de estudos dirigidos relacionados à agroecologia e de elaboração de “oficinas pilotos” para que o trabalho coletivo ocorresse de maneira harmoniosa e a equipe se empoderasse do Círculo de Cultura. A metodologia deste trabalho foi inspirada no Círculo de Cultura, na ideia de Freire para substituição das tradicionais “salas de aula” e no processo metodológico de formação da consciência crítica a eles associados.

Dessa forma, o objetivo deste texto é relatar o processo de formação continuada dos participantes do projeto de extensão “Educação para a transformação: meio ambiente, saúde e gênero”, por meio do Círculo de Cultura de Paulo Freire. Almejamos a transformação dos saberes dos participantes do projeto para a construção dos saberes agroecológicos e a compreensão do Círculo de Cultura e, posteriormente, com a autonomia da equipe formada por professores e estudantes, iniciaram-se as “oficinas em campo” com o público alvo, as “mulheres agricultoras” do município de Itajaí.

Procedimentos metodológicos

Esta proposta é tema alvo de interesse, investigação e atuação dos docentes e discentes dos cursos de graduação de Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Nutrição, Administração, Ciências Contábeis e de Enfermagem da UNIVALI, visto que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) instituem os temas transversais. Segundo o Ministério da Educação (MEC), os temas como meio ambiente, saúde e pluralidade cultural devem estar voltados para

a compreensão e construção da realidade social e dos direitos relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio de participação política (ARAÚJO, 2009). Além disso, a temática do gênero faz parte das políticas afirmativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (BRASIL, 2012).

Pesquisa realizada no município de Itajaí-SC sobre o impacto de aves granívoras sobre o cultivo de arroz irrigado evidenciou que a morte dessas aves causara impactos ao meio ambiente e à saúde da comunidade devido ao uso intensivo de agrotóxicos no cultivo do arroz. Diante dessa situação, realizar intervenções com as famílias de agricultores com ênfase na mulher agricultora no município de Itajaí, tornou-se bastante relevante (KESKE, 2011).

Em um município em que 80% do território é rural, a agricultura familiar predomina. A produção vai desde grandes propriedades de arroz irrigado até pequenos produtores de hortaliças. Em média 400 famílias estão envolvidas com a agricultura familiar e a produção convencional (ITAJAÍ, 2015).

Dessa forma, torna-se imperativo contribuir com informações e mudanças de paradigmas para as mulheres agricultoras do município de Itajaí que se expõem aos agrotóxicos e, ainda, por falta de conhecimento, contribuem para contaminar solos, atmosfera, alimentos, águas superficiais e lençóis freáticos e toda biodiversidade. A escolha das mulheres agricultoras como público-alvo se justifica pelo fato da mulher estar preocupada com a saúde de sua família e por isso aceitar as mudanças de educação para a transformação como uma alternativa de melhorar a qualidade de vida e também de obter uma renda extra dentro da sua propriedade, o que lhe permite maior autonomia. Outro fato que influenciou na escolha desse público, é que as mulheres possuem cuidado com o meio e não priorizam o fator econômico. Assim, fortalecendo e empoderando a mulher agricultora dentro da

agroecologia, a mudança para a agricultura sustentável se tornará uma realidade para a sua família.

A educação para a transformação é imprescindível. Para que ações de promoção da saúde, Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), prevenção e controle dos riscos à saúde humana ocorram é necessário mudar as práticas agrícolas convencionais e pensar em formas inovadoras que, utilizando os recursos naturais de forma sustentável, garantam o futuro das próximas gerações (CONSEA, 2004; BRASIL, 2011). É claro que esse processo de mudança de paradigmas na agricultura e na cultura de algumas pessoas é difícil e persistente, porém muito urgente para a realidade atual.

O processo de formação continuada dos participantes do projeto ocorreu por meio de ações pautadas na proposta pedagógica de educação continuada, na perspectiva de Paulo Freire. Essa proposta implica o encontro de sujeitos para refletirem sobre sua realidade concreta, denunciando situações conflitantes e anunciando ações que venham intervir neste contexto. Freire (1983) denomina esse encontro de saberes como Círculo de Cultura, que envolve a “problematização” e a “dialogicidade”. A primeira permite ao sujeito se distanciar de sua experiência imediata e, em diálogo crítico com o outro, transcender a consciência ingênua, construindo sentidos para sua ação. A segunda pressupõe relações de reciprocidade, nas quais os sujeitos educativos trocam experiências, saberes, necessidades do cotidiano profissional e existencial.

Para Gadotti (1991), o Círculo de Cultura é uma unidade de ensino que substitui a escola tradicional. Ele é formado por um grupo de pessoas que tem uma situação existencial em comum para discutir seu trabalho não por meio da concepção bancária, mas sim da tese de que existem dois lados que sabem coisas distintas e que podem aprender mutuamente. O facilitador é a pessoa do grupo que vai se colocar e ser

colocado como organizador das questões básicas dos encontros e dos encaminhamentos que surgirem das relações e do convívio dos componentes do Círculo de Cultura. O método consiste em momentos que se inter-relacionam (GADOTTI, 1991), a saber:

Etapa da investigação: busca de tema ou palavra geradora, que é aquela extraída do universo do cotidiano dos educadores, é o miolo do método. Podem ser localizados em círculos concêntricos, que partem do mais geral ao mais específico. Muitas vezes, pode surgir uma situação na qual os indivíduos do grupo não expressam concretamente os temas geradores, sugerindo a inexistência deles. No entanto, nesses casos, percebemos o aparecimento do “tema do silêncio”. Esse fato nos faz pensar que os indivíduos se calam diante da força esmagadora de “situações-limite” e adaptam-se a ela. Freire orienta que essas situações não devem ser contornadas, mas analisadas, estudadas nos seus diferentes aspectos e enfrentadas, pois senão elas ressurgirão com força redobrada mais à frente (FREIRE, 1983; GADOTTI, 1991).

Etapa da tematização: momento de tomada de consciência do mundo, por meio da análise dos significados sociais dos temas geradores. São codificados e decodificados os temas na fase de tomada de consciência. A codificação é a representação de uma situação vivida em seu trabalho diário e se relaciona com a palavra geradora. Abrange aspectos do problema que se quer estudar. Na codificação os participantes do Círculo de Cultura formulam os seus entendimentos do tema em questão, questionando-os e problematizando-os (FREIRE, 1983; GADOTTI, 1991).

Etapa da problematização: etapa em que o educador inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo para uma postura conscientizada. É a etapa em que acontece o desvelamento crítico. Nesta ida e vinda do concreto para o abstrato e do abstrato para o

concreto, volta-se ao concreto problematizado. É uma ação necessária para que as pessoas possam enxergar e analisar fenômenos, processos e coisas. O objetivo final do método é a conscientização. A educação para a libertação deve desembocar nas práxis transformadoras, ato do educando. Conhecendo as coisas a fundo e descobrindo o que tem no seu interior é possível transformá-las (FREIRE, 1983; GADOTTI, 1991).

Vivenciando os saberes agroecológicos na formação continuada

Etapa de investigação temática

Esta etapa aconteceu após a aprovação do projeto de extensão, em fevereiro de 2015, e da escolha de todos os integrantes da equipe, que participou da formação continuada (totalizando 80 h/a). A equipe foi composta por 5 professores e 11 estudantes de diferentes cursos: Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Administração, Ciências Contábeis, Nutrição e Enfermagem. Esta etapa foi pautada em “oficinas piloto”, saídas de campo em propriedades de agricultores agroecológicos e momento de integração com o público-alvo, a fim de conhecer os temas geradores do grupo sobre o Círculo de Cultura.

As “oficinas piloto” foram planejadas e preparadas por um dos professores integrantes do projeto de extensão e aplicadas aos demais professores e estudantes do projeto nas dependências físicas da UNIVALI. Na primeira “oficina piloto” a formação foi conduzida por uma professora da área da saúde que já havia vivenciado o Círculo de Cultura, inclusive utilizando-o na sua dissertação de mestrado e doutorado. A professora dirigiu o encontro fazendo, inicialmente, uma introdução sobre a vida de Paulo Freire, depois apresentou

ao grupo um vídeo sobre as experiências vivenciadas por ele e explicações detalhadas de como conduzir o Círculo de Cultura. Ao final do encontro sugeriu leituras em livros e artigos para aprofundar os conhecimentos dos participantes.

Após 15 dias desse primeiro momento, aconteceu a segunda “oficina piloto”. Nela, cada membro do grupo falou sobre os artigos ou capítulos do livro estudados e foram realizadas discussões e reflexões com os professores e estudantes, interagindo e trocando saberes. As pessoas se incorporam ao Círculo de Cultura com seus saberes e experiências particulares, leem e interpretam a sua realidade para uma tomada de consciência da situação. Todas as ações preliminares tiveram o intuito de formar a equipe para o fortalecimento e a autonomia dos estudantes e dos professores a respeito das temáticas Agroecologia e Círculo de Cultura. Este reúne pressupostos filosóficos, teóricos e metodológicos e mobiliza os participantes do grupo a pensar sua realidade dentro de uma concepção de reflexão-ação (ROMÃO et al., 2006). Na concepção freireana de educação, a formação não termina nunca, porque o ser humano é inacabado e sempre tem a necessidade de aperfeiçoamento dos seus conhecimentos e práticas (FREIRE, 1983).

Na nossa cultura pertencer a um círculo nos confere certa confiança, autoestima e compromisso com outras pessoas ou situações. No Círculo de Cultura, a solidariedade e o aconchego contribuem para lidar com a cultura do silêncio e a insatisfação com a condição estabelecida diante da negação e da perda dos próprios referenciais culturais. O círculo, do latim *circulus*, é diminutivo de *circus* e significa “redondeza”. Aqui nos referimos à forma como espaço e à estratégia, que permite a circulação dos seres, dos saberes, dos sentires e das coisas (ROMÃO et al., 2006).

A terceira “oficina piloto” aconteceu

na universidade com alunos e professores integrantes do projeto. O objetivo dessa oficina foi promover uma reflexão sobre o tema do projeto, a agroecologia, e, para isso, contou com duas alunas e uma professora do curso de nutrição como facilitadoras. Iniciou-se a oficina com uma dinâmica de abertura cujo intuito foi demonstrar que não podemos ficar acomodados com determinadas situações ou simplesmente seguir a maioria, mas que as pessoas podem estar dispostas a mudanças, fazendo a diferença. Na sequência, foi apresentado o documentário “O Veneno está na mesa II”, com duração de 58 minutos e, ao término, com a equipe em círculo, foi desenvolvida a “Teia do Envolvimento” para a percepção de todos em um mesmo objetivo. Essa é uma dinâmica de apresentação pessoal em que os membros de uma equipe ou grupo de trabalho possam se conhecer, promovendo o relacionamento interpessoal e a autoconfiança. Para finalizar, o grupo fez uma roda de conversa sobre o assunto a fim de levantar os temas geradores.

No momento da dinâmica de grupo da Teia do Envolvimento, cada participante⁵ deveria falar sobre suas expectativas com o projeto de extensão. A partir dessas expectativas é que emergiram os temas geradores para serem codificados e decodificados nos outros encontros: vivenciar o Círculo de Cultura, conhecimentos agroecológicos, malefícios do uso dos agrotóxicos, autonomia das mulheres agricultoras no aprendizado da produção de alimentos orgânicos e o cuidar da saúde familiar e ambiental.

Os temas geradores constituem importante elemento nesse processo de educação continuada. Os conteúdos de ensino não são construções teóricas dadas a priori, tratam-se de construções históricas e pessoais, ligadas a cada pessoa, cada grupo. Daí a crítica de Paulo Freire, a respeito do que chamou

5. Nessas “oficinas piloto”, os participantes eram sempre os integrantes do projeto de extensão, professores e alunos dos diferentes cursos envolvidos. As oficinas aconteciam em uma sala de aula da UNIVALI.

de “educação bancária”, caracterizada por conteúdos preestabelecidos e fora do contexto social do educando. Os temas geradores, portanto, constituem a problematização da prática de vida das pessoas (LUCKESI, 2015).

A partir dos temas geradores elencados, iniciou-se a quarta “oficina piloto”, na qual os participantes elaboraram os seus entendimentos sobre os temas levantados por meio da análise dos seus significados sociais. Essa oficina foi conduzida por uma professora do curso de Ciências Biológicas e duas acadêmicas, que levaram em consideração os temas geradores. O tema gerador “vivenciar o Círculo de Cultura” foi definido como percurso metodológico da oficina. Dessa forma, os participantes puderam experimentar na prática os demais temas geradores.

Para o próximo encontro, o facilitador do Círculo selecionou o documentário “Brasil Orgânico” para ser exibido na oficina, que foi iniciada com a contação de estória por um estudante convidado do curso de História. Intitulada “O mito dos sentimentos”, a oficina teve como objetivo a reflexão social e emocional dos participantes. Em seguida, foi apresentado o documentário “Brasil Orgânico”, com duração de 58 minutos. Dirigido por Kátia Klock e Lícia Brancher, o documentário reúne iniciativas e histórias de pessoas que têm no cultivo orgânico uma ideologia de vida. Para finalizar, foi realizada uma dinâmica de relaxamento e imaginação, na qual também emergiram reflexões em grupo. Assim, a sensibilização dos presentes para a temática “produção de alimentos orgânicos” e para sua importância no cuidado da saúde e do ambiente foi alcançada no trabalho em equipe e o Círculo de Cultura confirmou-se como uma estratégia possível para esse tipo de atividade.

A qualidade dos alimentos foi citada por todos os participantes como um dos fatores de importante transformação. A percepção de consumir alimentos sem agrotóxicos foi destaque na fala de uma estudante:

pra quem lida com a produção orgânica, o principal fator é a saúde, porque tem acesso ao alimento saudável e aos benefícios [...] sou aluna do curso de Ciências Contábeis e não sabia nada sobre isso, já tinha ouvido falar em alimento orgânico, mas não dava importância, mas depois de hoje vou procurar feiras para ter acesso a um alimento de verdade.

Para a elaboração dessas “oficinas piloto”, a equipe não poderia perder o foco na temática principal do projeto de extensão “Educação para Transformação”, que é a “Agroecologia”, portanto, os pequenos grupos selecionaram temáticas de interesse, mas seguindo o Círculo de Cultura para que todos os integrantes compreendessem e se familiarizassem, adquirindo autonomia e empoderamento.

Essa primeira etapa do projeto de extensão de formação continuada foi extremamente importante para os professores e alunos, pois além de estudarem as temáticas, eles puderam treinar a metodologia Círculo de Cultura durante as “oficinas piloto”. O intuito dessa etapa foi fazer com que a equipe tivesse maior integração, autonomia e fortalecimento para começar o trabalho em campo com as mulheres agricultoras. A educação para a libertação deve desembocar na práxis transformadora, ato do educando. Conhecendo as coisas a fundo e descobrindo o que tem no seu interior, pode-se transformá-las (GADOTTI, 1991; FREIRE, 1983).

Etapa da problematização

Com a realização dos encontros percebeu-se que a participação da equipe era intensa. Na verdade, o que se estabeleceu durante eles foi apenas o assunto central, pinçado das questões mais recorrentes, tendo sido solicitado aos participantes que expusessem sua experiência a respeito. Após esse momento, foi organizado o início das atividades a serem realizadas com o público-alvo: as mulheres agricultoras.

O primeiro encontro da equipe

extensionista com as mulheres agricultoras do município de Itajaí foi realizado no 17º Encontro Municipal de Mulheres do Meio Rural. O evento é promovido anualmente pela Secretaria da Agricultura e do Desenvolvimento Rural de Itajaí (SEAD), parceira importante do projeto de extensão. Ressaltamos que desde a apresentação do projeto para o Secretário e para os líderes das diversas comunidades de agricultores do município, a SEAD demonstrou interesse na temática a ser trabalhada e efetivou o apoio à equipe do projeto.

O evento teve como tema “Mulher: a força de uma vida – um ser em evolução” e contou com a participação de, aproximadamente, 300 mulheres agricultoras oriundas de diferentes comunidades rurais de Itajaí. Em parceria com a SEAD, a equipe extensionista participou ativamente da organização do evento, recepcionando as participantes e lhes entregando material contendo o convite para participação da primeira “oficina em campo” do projeto, que aconteceria no mês de agosto, juntamente com a ficha de inscrição. A coordenadora da equipe introduziu a temática do projeto, apresentando os objetivos propostos, bem como a metodologia de trabalho para a realização das oficinas com as mulheres agricultoras.

Em seguida, a equipe extensionista foi apresentada ao público e cada professor explicou de que forma seu curso e seus conhecimentos contribuiriam nos encontros. A sugestão de realizar as oficinas na última quinta-feira de cada mês foi acatada pelas participantes, sendo que o melhor horário para realização foi acordado juntamente com as mulheres agricultoras, objetivando facilitar a participação sem atrapalhar o andamento das suas atividades diárias.

Esse primeiro encontro com as mulheres agricultoras foi de muito acolhimento e alegria, conforme demonstrado por um grande número de participantes que, até o final do evento, procuraram a equipe para entregar o “convite

inscrição” e manifestar interesse em conhecer a proposta do projeto.

Além disso, a equipe extensionista foi convidada pela SEAD a participar da 33ª Festa Nacional do Colono, que foi realizada no período de 23 a 26 de julho, no município de Itajaí, com o propósito de interagir com as diferentes comunidades e se inserir no campo de trabalho. Para a organização desse evento, a equipe extensionista convidou os 23 parceiros do projeto de extensão para participarem da festa, momento de integração, trocas de saberes e oferecimento de diversas oficinas relacionadas ao empoderamento na agroecologia.

Ocorreram reuniões prévias com alguns dos parceiros que contribuíram e participaram ativamente no evento: Cantu Alimentos – Exposição de frutas e oficina sobre o “Programa de rastreabilidade e alimento seguro”; Sítio Panacéia – “Redução na produção de lixo”; Acolhida na Colônia – “Juventude e Agroecologia”; Sítio Flora Bioativos – “Cultivo de plantas alimentícias não convencionais, verduras e legumes pelo sistema orgânico”; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA): “Sementes crioulas”; Curso de Farmácia e Horto Medicinal da UNIVALI: “Plantas Medicinais”; Associação de Agricultores Ecológicos (AGRECO): “Transição agroecológica e a permacultura”.

A Festa Nacional do Colono foi considerada importante por toda a equipe extensionista por ter oportunizado a interação durante quatro dias de trabalho com a comunidade rural e com as famílias de agricultores de Itajaí que visitaram o estande e participaram das oficinas, além da interação da equipe com o trabalho desenvolvido pelos parceiros.

A equipe decidiu, ainda, fazer uma viagem de trabalho para os municípios de Santa Rosa de Lima e Anitápolis, localizados nas Encostas da Serra Geral Catarinense, sendo Santa Rosa de Lima conhecida como a capital da agroecologia. A coordenadora desse projeto de

extensão já tinha trabalhado com os agricultores agroecológicos em projeto de pesquisa nessa comunidade no período de 2013 a 2014.

A primeira visita em Santa Rosa de Lima foi ao sítio Pousada Vitória. A proprietária do sítio é associada à Acolhida na Colônia e à Associação de Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral de Santa Catarina (AGRECO) e recebeu o grupo e outros quatro agricultores agroecológicos para uma reunião com a equipe extensionista a fim de relatar experiências. Cada um dos agricultores fez uma breve explanação sobre suas atividades e sobre as dificuldades iniciais enfrentadas quando decidiram mudar para um novo conceito de produção, respeitando a natureza, o meio ambiente e gerando produtos saudáveis. Eles relataram que, no início, realmente tiveram muita dificuldade, porém continuaram com o firme propósito de fazer essa mudança e conseguiram a adesão de vários agricultores e o surgimento da AGRECO cujo lema é “agricultores cultivam, industrializam e comercializam para que na sua mesa tenha alimentos saudáveis e socialmente justos”.

Após pernoitarem em uma pousada em Anitápolis, propriedade de agricultores agroecológicos que pertencem ao projeto “Acolhida na Colônia”, a equipe pôde vivenciar junto a essa família as mudanças ocorridas no estilo de vida, a escolha de alimentos saudáveis e o cuidado com o ambiente. No dia seguinte, o grupo visitou o sítio de um permacultor com experiência de mais de 10 anos, no município de Anitápolis, para conhecer sua história de vida e seu trabalho dentro da agroecologia.

A partir dos relatos dos agricultores, a equipe extensionista participou de uma roda de conversa, na qual percebeu a mudança na realidade de vida dos agricultores promovida, principalmente, pelo sentimento de pertencimento deles sobre o campo. Produzir alimentos sem agrotóxicos e, conseqüentemente, preservar o meio ambiente, era o modo como eles poderiam dar sua parcela

de contribuição à sociedade, ao mesmo tempo em que adquiriam outro sentido de cidadania. O conhecimento sobre saúde e meio ambiente adquirido a partir da agroecologia também foi amplamente citado como uma grande conquista. Resgatar a experiência desses agricultores consistiu em uma importante ferramenta para o empoderamento da equipe extensionista e para o trabalho futuro com as mulheres agricultoras que podem ter a agroecologia como alternativa para modificar seu estilo de vida e de produção.

Ao aderir à agroecologia o agricultor é estimulado a se inserir em uma estrutura social agrária associativa e cooperada, baseada em práticas tradicionais e locais que o mantenha independente do complexo industrial agrícola externo a sua propriedade. Assim, podemos considerar que uma das principais metas da agroecologia é possibilitar aos agricultores serem agentes e construtores de seu próprio destino (AZEVEDO; PELICIONI, 2011).

Os resultados obtidos até aqui representam um riquíssimo conteúdo de experiências e saberes, produto do intenso intercâmbio propiciado pela prática do Círculo de Cultura freireano que facilita a participação livre e responsável das pessoas envolvidas durante todo o desenvolvimento dessa primeira fase do projeto.

No mês de agosto foi realizada a primeira “oficina em campo” com as mulheres agricultoras no Parque do Agricultor Gilmar Graf em Itajaí. Nesse encontro, estiveram presentes 47 mulheres e a equipe extensionista, que organizou e preparou esse momento com muito empenho e carinho. Toda a equipe participou da acolhida às agricultoras com alegria e entusiasmo, já que esse encontro foi bastante esperado. A coordenadora do projeto de extensão fez a abertura agradecendo a elas por aceitarem participar do projeto e apresentou os objetivos, explicando como a equipe procederá no decorrer das oficinas.

Na sequência, um agricultor agroecológico do município de Paulo Lopes-SC foi convidado

a falar sobre sua experiência de mais de 10 anos na agroecologia e como isso contribuiu para sua autonomia, saúde e qualidade de vida. O agricultor aproveitou esse momento para descrever algumas experiências bem-sucedidas na produção de alimentos orgânicos sem a dependência dos insumos industriais que ainda contaminam a saúde das pessoas e do ambiente. Na sequência, a coordenadora da Rede Ecovida⁶ também estava presente e falou sobre a importância e o fortalecimento dos agricultores que fazem parte dessa associação e que a Rede se coloca à disposição para apoiar e ensinar as mulheres dispostas a aderir à produção de alimentos orgânicos.

Após as apresentações foi realizada uma dinâmica conhecida como “Teia do envolvimento”, na qual as mulheres foram convidadas a falar sobre suas expectativas em relação ao projeto, e, nesse momento, a equipe conseguiu levantar as mensagens das participantes. Nos depoimentos, as mulheres falavam timidamente que seguiam os passos dos pais e ajudavam seus maridos na agricultura, auxiliando no trabalho da roça desde pequenas. Uma das agricultoras conta que desde sempre a agricultura faz parte da sua vida.

sou filha de agricultor, sempre vivi de agricultura, sempre, desde criança participando junto com meus pais, agora com o meu marido, cresci trabalhando na agricultura [...] no início, quando eu era criança, adolescente naquela época [...], todo mundo já trabalhava e plantava usando os venenos e aprendemos que para produzir temos que usar, senão não colhemos nada. É o que todo mundo sabe fazer, mas depois do que falamos hoje nesse encontro queremos aprender a produzir alimentos orgânicos coisas novas e melhorar a saúde da família e do ambiente. (M. S. M., grifos nossos).

A agricultora D. M se manifestou dizendo que a possibilidade de produzir orgânicos é muito positiva e que sozinhas e sem este conhecimento seria incapaz de iniciar a produção sozinha.

Já a agricultora D. L. explicou para as demais colegas como fez seu composto orgânico. As outras mulheres apresentaram suas dúvidas e ela conseguiu ajudá-las a partir de suas experiências. A agricultora também pontuou não ser necessário colocar veneno na primeira vez que se planta, porém, nas vezes seguintes, o plantio fica mais difícil e por isso é necessário aprender a melhorar o solo e ter o equilíbrio.

As mulheres interagem muito com o agricultor agroecológico e com a coordenadora da Rede Ecovida. No momento de socialização, elas relataram a necessidade de entender como produzir alimentos saudáveis sem usar os venenos e solicitaram a participação do agricultor agroecológico nos outros encontros. As mulheres agricultoras participantes possuem notória experiência na produção agrícola arraigada em técnicas da agricultura convencional de produção de alimentos, ou seja, são experientes no uso de insumos e adubos químicos industrializados em grande escala. Essa prática gera como consequência o incessante comprometimento da saúde das pessoas na lavoura, dos alimentos produzidos, dos potenciais consumidores e das condições ambientais, principalmente a água e o solo, elementos essenciais na atividade agrícola.

Nessa oficina, a equipe ficou muito feliz e satisfeita ao perceber os benefícios que o projeto de extensão levará para a realidade dessas mulheres. O mais relevante foi escutar que essas mulheres estão dispostas a aprender, o que significa que elas aceitaram a possibilidade de transformação e mudanças.

Uma vez estabelecida a relação de

6. A Rede Ecovida de Agroecologia foi criada em 1998 a partir da necessidade de congregar esforços e dar maior consistência política ao movimento agroecológico da região sul do Brasil. São agricultores(as), técnicos(as), consumidores(as) e comerciantes unidos em associações, cooperativas, ONGs e grupos informais que têm por objetivo organizar, fortalecer e consolidar a agricultura familiar ecológica da região (MAGNANTI, 2008).

confiança recíproca entre as mulheres agricultoras e a equipe extensionista, foram realizadas as visitas técnicas pertinentes nas propriedades rurais para a o levantamento de dados socioeconômicos e ambientais, que permitiram a elaboração de um retrato mais preciso e íntegro do público-alvo.

Na medida em que avançamos com as oficinas e que houve a participação efetiva dos parceiros para cada área de interesse, o entusiasmo e a desenvoltura das agricultoras alavancaram inúmeras oportunidades de comunicar relatos e vivências que resultaram em vantagens genuinamente construtivas rumo à consolidação de uma proposta ousada e alternativa de produção de alimentos mais saudáveis e de idealizar um cenário promissor para a sociedade em geral.

O projeto de extensão “Educação para a transformação” foi renovado para o ano de 2016 para que possamos dar continuidade e colocar em prática as oficinas, ou seja, iniciar a produção de orgânicos nas propriedades. O projeto foi considerado importante para a comunidade de agricultores de Itajaí e por isso a UNIVALI tem a intenção de institucionalizá-lo para que o trabalho tenha continuidade e, assim, possa oportunizar aos novos agricultores a iniciativa e, aos professores e estudantes, as experiências vivenciadas em projetos de extensão.

Considerações finais

O Círculo de Cultura é uma ferramenta que gera vínculos com os participantes, não é uma técnica pronta para ser aplicada, embora se observem alguns momentos específicos que buscam, no contexto do trabalho, organizar, tematizar, problematizar e mobilizar os sujeitos para a ação transformadora e conscientizadora. Pensamos o Círculo de Cultura como prática

educativa para o exercício da educação continuada e da agroecologia, fortalecendo a relação entre equipe extensionista e mulheres agricultoras.

Durante a formação da equipe foi possível perceber a importância da presença constante do professor e dos acadêmicos. A figura do facilitador é fundamental, não para controlar o grupo, mas para viabilizar uma relação dialógica, lembrar os objetivos coletivos e animar (no sentido freireano do termo) os participantes sem perder o foco da formação. A educação continuada é essencial para que o trabalho seja desenvolvido com o máximo de qualidade e para que o grupo se transforme em uma equipe fortalecida e com autonomia.

As diversas atividades desenvolvidas foram cuidadosamente planejadas para que o público-alvo pudesse abranger os temas da agroecologia, alimentação saudável e os impactos causados na saúde da população e do ambiente e, dessa forma, as mulheres agricultoras se mostraram dispostas à transformação.

Então, considerando o extenso histórico de como elas conduziam a produção de alimentos agrícolas, foi um marco desafiador oferecer e implementar as ações de mudança progressiva consciente como alternativa de uma agricultura benéfica e salutar. As agricultoras reconheceram a exposição ao risco na maneira habitual como desenvolvem as diversas atividades de cultivo nas propriedades rurais. Além disso, elas também demonstraram interesse constante em querer apreender cada dia mais, dispondo-se a colocar em prática o processo de transição para a agroecologia. Nesse sentido, a maioria das agricultoras manifestou interesse em separar um espaço na propriedade para começar a produção dos orgânicos e vivenciar essa possibilidade que foi perdida nas últimas décadas.

Essa postura receptiva por parte das mulheres agricultoras facilitou o interesse

e a reflexão sobre os tópicos construídos coletivamente em uma proposta objetiva, clara, exequível e que atendesse aos princípios e aos valores do escopo maior, a saber: a transição de uma agricultura industrial para uma agricultura agroecológica.

Referências

- ARAÚJO, R. A. P. de. **Relações entre o tema transversal meio ambiente e a questão da sustentabilidade do turismo aplicada ao ensino fundamental do distrito federal**. 2009. 96f. Monografia (Especialização em Formação de Professores na área de Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- AZEVEDO, E. de; PELICIONI, M. C. F. Promoção da saúde, sustentabilidade e agroecologia: uma discussão intersetorial. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 715-729, jul./set. 2011.
- BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Ações Afirmativas**. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldaigualdade.gov.br/portal-antigo/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/acoes-afirmativas>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: MS, 2011
- CONSEA – CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR. **Princípios e diretrizes de uma política de segurança alimentar e nutricional**: textos de referência da II Conferencia de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília: Gráfica e Editora Positiva, 2004.
- DAROLT, M. R. **Agricultura orgânica**: inventando o futuro. Londrina: IAPAR, 2002.
- EHLERS, E. **Agricultura Sustentável**: origens e perspectivas de um novo paradigma. Guaíba: Livros da Terra, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 34-41.
- GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.
- GLIESSMAN, S. **Agroecologia**: processo ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- GOMEZ, M. V. Círculo de Cultura: pesquisa e a intenção na educação superior. In: BAPTISTA, A. M. H.; MAFRA, J. F. (Org.). **Reflexão crítica, memória e intervenção na prática pedagógica**. São Paulo: BT Acadêmica, 2013.
- GUEDES, Z. M.; MARTINS, J. C. de V. Agroecologia e gênero: perspectiva socioambiental no Assentamento Mulunguzinho em Mossoró-RN. **Revista Verde**, Mossoró, v. 5, n.1, jan./mar. 2011, p. 66-76.

GUIMARÃES, R. R.; MESQUITA, H. A. de. Agroecologia versus agronegócio: crises e convivências. **Espaço em Revista**, Goiás, v. 12, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2010.

KARAM, K. F. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 303-320, jan./abr. 2004.

KESKE, B. R. **Abundância e potencial impacto das aves granívoras sobre o cultivo de arroz irrigado, Itajaí**, SC. 2011. 13f. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011.

LUCKESI, C. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br/>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

ROMÃO, J. E. et al. **Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa**. São Paulo: IPF, 2006.

SANTOS, M. P. dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 154-163, jul./dez. 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E DO DESENVOLVIMENTO RURAL DE ITAJAÍ. **Encontro de mulheres agricultoras discute meio-ambiente, saúde e gênero**. Disponível em: <<http://www.itajai.sc.gov.br/noticia/13002#.VmmonkorKM9>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MAGNANTI, N. J. Circuito Sul de circulação de alimentos da rede ecovida de agroecologia. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 26-29, jun. 2008.

Submetido em 10 de novembro de 2015.

Aprovado em 19 de fevereiro de 2016.